

Resumo de: Melissa Vieira de Lucena

A Europa do Renascimento

O Classicismo é o nome dado a toda e qualquer literatura do Renascimento. O classicismo é a adoração ao clássico, combatendo a cultura medieval.

Obs/curiosidade: Durante séculos, todos acreditavam que as estátuas gregas eram brancas, um sinal de algo sofisticado, elegante, tornando isso uma estética “superior”. Porém, há pouco tempo descobrimos que as tintas usadas pelos gregos não eram duradouras e, na verdade, todas elas haviam sido pintadas e coloridas. O eurocentrismo era tão grande que transformaram uma qualidade de tinta ruim em algo renomado e “melhor”.

O abandono da perspectiva teocêntrica medieval e a retomada dos ensinamentos e modelos da Grécia e de Roma nem o Renascimento. Esse termo foi escolhido para identificar o desejo de promover uma renovação social, artística, econômica e política, de modo a recriar, na Europa, uma sociedade organizada a partir dos princípios da Antiguidade Clássica. O fascínio pela vida das cidades e o desejo de desfrutar os prazeres que o dinheiro podia proporcionar levaram a sociedade renascentista a cultivar cada vez mais os valores terrenos. O ser humano e sua felicidade imediata eram o centro dessa nova visão.

A Valorização das Realizações Humanas

Na Idade Média, o orgulho era considerado pecado e a felicidade terrena era uma ilusão, sendo que devíamos sempre buscar a felicidade divina. Porém, no Renascimento, buscamos o orgulho por nossos feitos. Além disso, o conceito de originalidade não era valorizado, na verdade o oposto acontecia. Eles acreditavam que se você conseguisse copiar aqueles que os Grandes faziam, então você também era muito bom. Durante o Renascimento, os escritores investiram na recriação de temas clássicos e retomaram, em suas obras, o princípio aristotélico de mimese.

O Projeto Literário do Classicismo

Classicismo é a denominação da tendência artística que revitalizou a tradição clássica de afirmar a superioridade humana. Para recriar os ideais da Antiguidade greco-latina, o Classicismo valorizou as proporções, o equilíbrio das composições, a harmonia das formas e a idealização da realidade.

Manifestou-se tanto nas artes plásticas quanto na música, na literatura e na filosofia.

Associado ao Renascimento, o Classicismo revela em seu nome a principal característica de seu projeto literário: a retomada de modelos da Antiguidade clássica. A nova perspectiva do Classicismo promove uma transformação radical no modelo medieval. É hora de o ser humano orgulhar-se de suas conquistas e buscar a

felicidade terrena. Para isso, é necessário valorizar o esforço individual, que se manifesta tanto no investimento em educação como na participação social mais ativa.

Os textos do Classicismo farão propaganda da visão do mundo humanista, que passa a definir toda a produção estética do período.

Os Agentes do Discurso

As transformações sociais promovidas pelo enriquecimento das cidades afetarão diferentemente o contexto de produção literária do Classicismo. Se na Idade Média muito dos trovadores eram nobres que compunham suas cantigas e as apresentavam para outros membros do mesmo segmento social, no Renascimento esse cenário será alterado com o surgimento de jovens artistas, geralmente filhos de pequenos comerciantes, que vivem sob a proteção dos mercadores mais ricos e poderosos, para os quais produzem.

A cultura vira um bem precioso para os novos ricos, porque, patrocinando artistas e poetas, eles justificam sua aceitação pela nobreza. Essa troca de interesses entre burgueses e artistas faz aparecer a gura do mecenas. O mecenas era o burguês rico que exibia sua fortuna e seu poder por meio das pinturas e esculturas que encomendava para decorar seus palácios ou dos poemas que imortalizaram seu nome. É nesse contexto que a pintura de retratos passa a ser muito valorizada.

O nosso imaginário, construído pela estética, define a maneira que agimos. Se alguém não compartilhar do seu imaginário, ela não vai entender o porquê nem validar as coisas que você faz. É por isso que a burguesia vai precisar espalhar seus ideais para encontrar um lugar na sociedade e uma das maneiras que ela encontra de fazer isso é através do patrocínio da arte: os burgueses se tornam mecenas. Os artistas, até aquele ponto, só faziam arte para nobres ou para a Igreja e, consequentemente, os temas que eles podiam abordar eram muito limitados. Contudo, com o patrocínio dos burgueses, os artistas passaram a ter mais liberdade para pintar o que desejavam, proporcionando a invenção de novas técnicas e perspectivas.

A circulação das obras literárias continua sob o impacto da invenção da imprensa móvel. A maior facilidade de impressão faz com que mais cópias de uma mesma obra sejam produzidas, barateando o custo dos livros e tornando-os acessíveis a um maior número de pessoas. As universidades tornam-se os grandes centros públicos de leitura e discussão. Os mecenas encomendam cópias dos textos de filósofos e poetas para montar bibliotecas particulares.

O Classicismo e o PÚblico

Na Europa do Renascimento, as cortes ainda são centros de poder e, portanto, de produção cultural. O enriquecimento dos mercadores e comerciantes, porém, amplia o público dos textos literários e filosóficos, incluindo agora a burguesia em ascensão. Os filhos dos ricos comerciantes são, a partir desse momento, mais numerosos nas universidades do que os membros da nobreza de sangue. A cultura torna-se, para essas pessoas, sinônimo de qualificação social, já que não contam com um sangue “nobre” que lhes garanta prestígio e reconhecimento imediato.

Olhar Racional para o Mundo

Para revelar o que está no universo, o artista do Classicismo adota a razão como parâmetro de observação e interpretação da realidade. O olhar racional desencadeia, na literatura, uma das características mais marcantes da poesia do período: a tentativa de explicar os sentimentos e as emoções humanas. O soneto,

tipo de composição preferida dos clássicos, revela o desejo de adaptar a expressão lírica a uma forma que permita o desenvolvimento de um raciocínio completo.

Na poesia, a tentativa de conciliar razão e sentimento costuma ser apresentada por meio de duas guras de linguagem chamadas parálogo (associação de ideias contraditórias) e antítese (expressa modos diferentes e opostos de caracterizar um mesmo elemento).

Perspectiva Humanista

Outra consequência do desejo de compreender o mundo é procurar conhecer a natureza humana. Os grandes artistas se preocupavam em compreender a mecânica dos movimentos para serem capazes de representar o corpo humano de modo harmônico, respeitando as relações de proporção entre as partes e revelando uma concepção de beleza associada à harmonia e à simetria.

Tendência à Universalidade

A busca de novos territórios e a expansão comercial ampliam os horizontes humanos. Em termos espaciais, o mundo do Renascimento é muito maior do que aquele conhecido na Idade Média. Em lugar de esperar que o conhecimento do mundo lhe seja dado por revelação divina, o novo indivíduo procura observar a natureza, documentar e analisar o que vê. Essa postura faz com que os textos do Classicismo ganhem uma perspectiva mais universalista.

O Resgate da Poesia Clássica

Os poemas do Classicismo giram em torno da temática amorosa (em que o eu lírico manifesta um amor puro, de absoluta devoção à mulher amada, dona de uma beleza perfeita) ou bucólica (em que a natureza é caracterizada como espaço em que a harmonia, a simplicidade e o equilíbrio são expressão de felicidade). A poesia épica, que exaltava os feitos heróicos, também é retomada. A natureza como expressão de beleza, harmonia e equilíbrio também é frequentemente usada como termo de comparação para beleza feminina ou como parâmetro para os sentimentos humanos.

Na Antiguidade Clássica, o belo, a verdade, o bem e a justiça eram a mesma coisa. Portanto, as suas artes sempre vão focar na representação da beleza, aspecto que vai mudar com a chegada do maneirismo e, mais tarde, do Barroco.

Outro tema destacado é o *carpe diem* (cantar o dia) e reexões a respeito do impacto da passagem do tempo sobre o ser humano e a natureza. O *carpe diem* não é no sentido positivo, de aproveitar enquanto ainda se pode, e sim de negativo, no sentido de que o nosso tempo está acabando e vamos envelhecer e morrer.

Linguagem e Formas

Os sonetos de Petrarca mostraram um novo modo de tratar a temática amorosa, chamado de “o estilo novo” (doce, porque os poetas consideravam os versos de dez sílabas mais musicais que os de sete). Esse

tratamento é bem diferente da visão idealizada adotada no Trovadorismo, uma vez que procura reinterpretar o amor a partir de uma perspectiva mais racional e lógica. Isso dá aos poemas um tom mais indagador e analítico, como no soneto “Se o amor não é, qual é este sentimento?”. A linguagem, marcada por antítese e paradoxos, reforça essa mudança de perspectiva.

A influência greco-latina também se manifesta no reaparecimento da ode e da elegia, mas o soneto continua sendo a forma poética predominante. Já os versos de dez sílabas métricas (decassílabos), chamados de medida nova, substituem a preferência medieval e humanista pelos versos de sete e cinco sílabas métricas, denominados de medida velha.

Camões Lírico

Falar Camões “Lírico” não é redundante pois esse termo era usado para diferenciar as cantigas líricas das satíricas. No caso de Camões, é para diferenciar as suas obras épicas das líricas.

Camões produziu poemas nas duas vertentes que vigoravam no seu tempo, a tradicional, expressa na medida velha (redondilhas), e a clássica, expressa pela medida nova renascentistas (sonetos, odes, elegias, canções etc), subdividida em lírica e épica. Em ambas as vertentes, Camões foi o maior poeta do seu tempo.

A lírica camoniana insere-se na chamada época chamada época clássica da literatura portuguesa (regresso de Sá de Miranda - inaugurador do Renascimento em Portugal).

Contexto Histórico

Dentro do contexto histórico, devem salientar-se alguns aspectos:

- O período do Renascimento, que introduz a literatura clássica na Europa, é marcado por alterações e sociais muito significativas.
- De forma geral, a sociedade feudal foi substituída, progressivamente, por uma sociedade mercantil moderna, substituindo-se a burguesia à nobreza como grupo impulsor da atividade econômica.
- Assistiu-se a uma série de progressos técnicos e científicos (invenção da imprensa, por exemplo). O conhecimento científico foi impulsorado pelos Descobrimentos portugueses e espanhóis, pelo contato com outras civilizações.
- Os novos conhecimentos estendiam a curiosidade e a intervenção do Homem para fora dos limites transmitidos pela cultura escolástica medieval e pela tradição religiosa.
- Coexistência da poética tradicional e do estilo renascentistas.

A Corrente Tradicional

- As formas poéticas tradicionais: cantigas, vilancetes, esparsas, endechas, trovas - Uso da medida velha: redondilha maior e menor - Temas tradicionais e populares:
 - a) A menina que vai à fonte
 - b) O verde dos campos e dos olhos
 - c) O amor simples e natural
 - d) A saudade e o sofrimento
 - e) A dor e a mágoa

- f) O ambiente cortesão com as suas “cousas de folgar”
- g) As futilidades
- h) A exaltação da beleza de uma mulher de condição servil, de olhos pretos e tez morena
- i) A infelicidade presente e a felicidade passada

A Medida Velha

Escritas na mocidade do poeta, as suas redondilhas são, em geral, leves, brincalholas, destinando-se à recitação da corte.

Obs: a palavra redondilha passa a poder ser usada também para classificar uma poesia que contenha elementos tradicionais e não necessariamente redondilhas.

Mas, ao gênero populare e folclórico da poesia medieval, Camões oferece dimensões mais vastas, fruto da sua grande experiência pessoal e de seu genial talento. O uso das antíteses e dos paradoxos ultrapassa as limitações formais das redondilhas, dando-lhes uma problemática nova, recheada de ambiguidades, trocadilhos, imagens e de magia verbal. *Perdigão perdeu a pena*

*Perdigão perdeu a pena Não há
mal que lhe não venha.*

Volta

*Perdigão, que o pensamento
Subiu a um alto lugar, Perde a
pêna do voar, Ganha a pena do
 tormento. Não tem no ar nem
no vento Asas com que se
sustenha:*

Não há mal que lhe não venha...

*Quis voar a uma alta torre,
Mas achou-se desasado, E,
vendo-se depenado, De
puro penado morre...
Se a queixumes se socorre,
Lança no fogo mais lenha:
Não há mal que lhe não venha!*

Neste vilancete, podemos observar a re exão intelectualizada acrescentada à aparente simplicidade da forma empreitada da poesia popular medieval. A palavra é empregada como jogo por meio da ambiguidade dos sentidos. A palavra “pêna”, por exemplo, é explorado em suas múltiplas acepções, despertando o leitor para a riqueza e expressividade da língua. O mote do Perdigão incorpora um tema popular do folclore português, o de que não há mal que venha só. Por meio do trocadilho com o vocábulo “pêna”, o eu-lírico parece exprimir um drama íntimo que ganha alcance de drama universal.

A Corrente Renascentista

- O estilo novo: soneto, canção, écloga, ode, entre outros
- Medida nova: decassílabos
- O amor surge, à maneira pretrarquista (Petrarca foi considerado o mestre do Renascimento) como fronte de contradições, entre a vida e a morte, a água e o fogo, a esperança e o desengano
- A concepção da mulher, outro tema essencial da lírica camoniana, em íntima ligação com a temática amorosa e com o tratamento dado à Natureza (“locus amoenus”), gura a partir do pólo platônico (ideal de beleza física, espelho da beleza interior), representado pelo modelo de Laura e o modelo renascentista de Vênus.

Medida Nova

Camões encontra sua plena realização na poesia de inspiração clássica, chegando até mesmo a superá-lo em mais de um aspecto, sendo, por isso, considerado um precursor do Barroco (maneirismo). No final de sua vida, as obras de Camões contêm muita temática de mágoa e arrependimentos (seus últimos anos na Terra foram muito ruins).

Por mais que Camões usasse Petrarca como inspiração, no final de sua vida ele já o havia superado em diversos aspectos.

Sua poesia espelha a consciência de uma tormentosa vida interior, repassada de paradoxos e incertezas, a reflexão em torno dos magnos problemas que lhe assolavam o espírito, não só provocado pelas suas vivências pessoais, mas também pela tomada de consciência dum desconcerto universal em que todos os seres humanos estivessem imersos.

Poeta de preocupações losócas, Camões mergulhou no angustioso mundo do “eu”, do amor, da vida e do mundo.

O Soneto

De origem controversa, o soneto atingiu vasto alcance e reconhecimento na Europa com Petrarca, que a ele trouxe forma e conteúdo modelares. Composto por 14 versos, dispostos em dois quartetos e dois tercetos, o soneto pode ser, quanto à métrica e à rima, constituído de variadas formas. Mas, tal como foi feito por Petrarca, é composto de versos decassílabos e suas rimas dispostas segundo o modelo: ABBA - ABBA nos quartetos e CDC - DCD nos tercetos, sendo ainda comum o sistema CDE - CDE nos tercetos. Os sonetos do Classicismo português seguiram os moldes do soneto petrarquiano, alcançando com Camões sua máxima expressão e triunfo. O que mais se conhece da poesia de Camões são os sonetos, dentro os quais encontramos os melhores de toda a literatura portuguesa.

A relação de Camões com Petrarca pode ser evidenciada na clara intertextualidade que o poeta português faz com obras do italiano.

Petrarca:

*A alma minha gentil que agora parte
Tão cedo deste mundo à outra vida Terá
certo no céu grata acolhida Indo habitar
sua mais beata parte.*

Camões (introduz a ideia do “eu”)

Alma minha gentil, que te partiste

Tão cedo desta vida descontente,

Repousa lá no Céu eternamente, E

vive en cá na terra sempre triste.

O Amor

Em Camões, a concepção do amor é influenciada pelo neoplatonismo (ideias de Platão cristianizadas por Santo Agostinho) (idealiza o amor e a mulher amada, foca no conceito de amor e na idealização da mulher perfeita, sem se tratar de experiências pessoais da vida real).

Sendo assim, o Amor (com maiúscula), em Camões, é visto como um ideal superior, único, como Bem supremo. Quando o “amor” está com letra maiúscula, isso é uma personificação dessa emoção, geralmente falando do Deus Eros ou do Cupido.

O homem, porém, como ser carnal e imperfeito, retirado do mundo das ideias, no qual está a Verdade eterna e absoluta, jamais consegue alcançar esse Amor. Desse modo, o amor físico (carnal e puro desejo) vivido pelo homem deve ser representado graficamente com letra minúscula, pois, na concepção neoplatônica, ele seria apenas cópias degradadas do Amor ideal. Essa tensão entre ser e não ser, entre querer e não poder, é gerativa, na poesia de Camões, de toda a angústia, dor e insatisfação da alma humana. É por isso que as imagens poéticas instauradas pelo poeta para falar do amor estão alicerçadas em paradoxos e antiteses.

O retrato da mulher em Camões está subordinado a um ideal de beleza perene e universal. Apesar de ser também um ser imperfeito, nos poemas do escritor ela é espiritualizada, pois o poeta vê na gura da mulher a possibilidade de um exemplo do amor absoluto a que tanto busca.

Em meio a essas reflexões, é possível notar que o amor é tratado pelo poeta como objeto de extensa reflexão, sendo submetido menos pelo sentir do que pelo pensar. Uma postura típica da época em que está inserido, período em que predomina a Razão e o conhecimento advindo do próprio homem.

Como exemplo dessa poesia, um dos mais belos e conhecidos poemas do escritor, nenhuma qual há uma tentativa angustiosa de conceituar o amor.

Amor é um fogo que arde sem se ver, É

ferida que dói e não se sente;

É um contentamento descontente; É

dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;

É um andar solitário entre a gente; É

nunca contentar-se de contente;

É um cuidar que ganha em se perder. É

querer estar preso por vontade;

É servir a quem vence, o vencedor; É ter

com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor Nos

corações humanos amizade, Se tão

contrário a si é o mesmo Amor?

Neoplatonismo

Ainda sob influência do neoplatonismo, Camões contrapõe a perfeição do Mundo das Ideias à degradação e imperfeição do mundo terreno, que não corresponde aos anseios dos Valores Ideais. Ao abordar essa temática, que também abrange os temas da fugacidade do tempo (*carpe diem*) e do inevitável envelhecimento do homem em contraposição à constante renovação da natureza, Camões ultrapassa os modelos renascentistas de equilíbrio e linearidade, bem como o dogmatismo religioso português, aproximando-se do que mais tarde viria a ser a estética barroca.

(Poema que fala da mutabilidade do tempo e do homem: mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser, muda-se a confiança, etc)

(Redondilha na qual o eu-lírico critica, de forma levemente humorística, a justiça humana que, segundo ele, premeia os maus e pune os bons, além de tratar um pouco da temática do desconcerto com o mundo: os bons sempre vi passar no mundo graves tormentos; e, para mais me espantar, os maus vi sempre nadar etc)

No poema abaixo, o poeta fala da mutabilidade do tempo e do homem: *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser, muda-se a confiança; todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades. Continuamente vemos novidades, diferentes em tudo da esperança; do mal ficam as mágoas na lembrança, e do bem (se algum houve), as saudades. O tempo cobre o chão de verde manto, que já coberto foi de neve fria, e, em mim, converte em choro o doce canto. E, afora este mudar-se cada dia, outra mudança faz, de mor espanto, que não se muda já como soia.*

Já nesta redondilha, o eu-lírico critica, de forma levemente humorística, a justiça humana que, segundo ele, premeia os maus e pune os bons.

Os bons vi sempre passar no mundo graves tormentos; e, para mais me espantar, os maus vi sempre nadar em mar de contentamentos. cuidando alcançar assim o bem tão mal ordenado, fui mau, mas fui castigado, Assim que só para mim anda o mundo concertado...

Poemas de Camões

Os poemas de Camões apresentam diversos temas (tensões) que foram abordados pelo autor para demonstrar seus sentimentos e questionamentos: o amor e a mulher, o autobiográfico, o sentimento religioso e os desconcertos do mundo.

O Amor e a Mulher

"Pede-me o desejo, Dama, que vos veja"

Pede-me o desejo, Dama, que vos veja, não entende o que pede; está enganado. É este amor tão fino e tão delgado, que quem o tem não sabe o que deseja.

Não há causa a qual natural seja que não queira perpétuo seu estado; não quer logo o desejo o desejado, porque não falte nunca onde sobaja. Mas este puro afeito em mim se dana; que, como a grave pedra tem por arte o centro desejar da natureza, assim o pensamento (pela arte que vai tomar de mim, terrestre [e] humana) foi, Senhora, pedir esta baixeza.

Encontramos neste soneto um pensamento sobre o amor, inicialmente falando do desejo e de como quem ama não sabe o certo o que deseja. O sentimento tão físico de desejar se transforma em platônico e não sendo concretizado é condição para que o amor seja eterno. Existe, então, o contraste entre o espiritual e o carnal quando o eu-lírico expõe a sua condição terrena e humana.

O amor e a referência à mulher são levados para o sentimento platônico, como se pode observar na primeira estrofe “É este amor tão nobre e tão delgado”, porém também existe a contrariedade da condição humana em “que vai tomar de mim, terrestre e humana”, características que dão força dramática ao poema. Durante todo o tempo existe o conhecimento do que seja eterno e também a contrariedade do desejo físico, num questionamento que exprime também a força intelectual do poema. A condição do eu-lírico, de certa forma, remete ao poeta palaciano da idade média que sofria com as regras do amor cortês, mas, ao mesmo tempo reconhecia na condição impeditiva do amor a fonte de inspiração poética.

A Poesia Autobiográfica

"Erros meus, má fortuna, amor ardente"

Erros meus, má fortuna, amor ardente em minha perdição se conjuraram; os erros e a fortuna sobejaram, que para mim bastava o amor somente.

*Tudo passei; mas tenho tão presente a
grande dor das coisas que passaram, que
as magoadas iras me ensinaram a não
querer já nunca ser contente.*

*Errei todo o discurso de meus anos dei
causa a que a Fortuna castigasse as
minhas mal fundadas esperanças.*

*De amor não vi senão breves enganos. Oh!
quem tanto pudesse que fartasse este meu
duro gênio de vinganças!*

Observa-se claramente neste soneto a vida do poeta, ator e eu-lírico se fundem, enfatizando os erros, causa dos castigos promovidos pela deusa Fortuna: “Errei todo o discurso de meus anos; dei causa a que a Fortuna castigasse”. O sentimento de arrependimento (característica do barroco) se faz presente numa constância e também, a compreensão de que somente o amor, na sua essência, era o suiciente.

Encontramos a força do lirismo último, quando o autor apresenta um questionamento sobre suas ambições, que de uma forma geral, são as ambições humanas. Esta acaba por englobar a força intelectual com suas questões existenciais (que exigem conhecimento) e a força dramática com seus contrastes (no caso, o certo e o errado).

Olhando por uma outra ótica, podemos também incluir este poema na tensão “desconcertos do mundo” que nos apresenta o desengano com a existência. O autor demonstra uma desesperança diante da vida quando diz “a não querer já nunca ser contente”, com um toque de dramaticidade cursada, como vimos, pelo contraste entre o que é certo e errado. **O Sentimento Religioso**

*"Verdade, Amor, Razão e Merecimento"
Verdade, Amor, Razão, Merecimento,
qualquer alma farão segura e forte; porém,
Fortuna, Caso, Tempo e Sorte, têm do confuso
mundo o regimento. Efeitos mil revolve o
pensamento e não sabe a que causa se reporte;
mas sabe que o que é mais que vida e morte que
não o alcança humano entendimento. Doctos
varões darão razões subidas, mas são
experiências mais provadas, e por isso é melhor
ter muito visto. Coisas há i que passam sem
ser cidas e coisas cidas há sem ser passadas,
mas o melhor de tudo é crer em Cristo.*

O uso das maiúsculas personifica os valores que determinam a vida humana, o primeiro verso traz as entidades que garantem a elevação da alma, “Verdade, Amor, Razão, Merecimento”, em oposição, aos valores que regem o mundo, “Fortuna, Caso, Tempo e Sorte”. A perspectiva clássica do texto mostra a essência do contraste entre a visão ideal, capaz de proporcionar segurança e força para “qualquer alma”, e a visão materialista que busca os prazeres do mundo. O embate entre a virtude e o vício “revolve o pensamento”, mas por muito que o homem pense, não consegue entender, isto é dentro do pensamento clássico não há solução para a dualidade humana.

Para tanto, seguindo a sua crença, indica que tudo deve ser visto com os olhos de fé em Cristo, como explicado no verso “mas o melhor de tudo é crer em Cristo”. Essa crença em Cristo é apresentada como o caminho para se encontrar a solução da questão do confronto entre o bem e o mal, o certo e o errado, reflexo de uma angústia que mostra a força dramática do poema.

As oposições e os contrastes que Camões utiliza mostram também uma característica que aparece em muitos de seus poemas, o maneirismo, que se utiliza de antíteses e paradoxos para demonstrar o drama interior do poeta, uma das características dos artistas do Renascimento.

O Desconcerto do Mundo

*Os bons vi sempre passar no
mundo graves tormentos; e,
para mais me espantar, os
maus vi sempre nadar em mar
de contentamentos. cuidando
alcançar assim o bem tão mal
ordenado, fui mau, mas fui
castigado, Assim que só para
mim anda o mundo
concertado...*

O autor considera na primeira parte do seu poema que todos que são bons passam por “grandes tormentos” e quem é mau vive em um “mar de contentamentos”. Em seguida, revela que para garantir essa vida feliz resolveu ser mau, porém foi castigado, e conclui que só para ele vale a regra de que só alcança o bem que é bom: “assim que, só para mim, anda o Mundo concertado”, para o poeta um desconcerto do mundo é premiar quem é mau e castigar quem é bom.

Neste poema encontramos a força musical nas suas rimas, no jogo entre palavras bom, bem, mal, mau e também no uso da medida velha com o emprego da redondilha maior, que garantem a musicalidade e a graça, características da lírica medieval, mas que o poeta renova com o relato das experiências da sua vida e cujo resultado é a beleza de cenas do cotidiano humano, ou seja, o texto é um exemplo da inovação que Camões promove na literatura portuguesa, tratando de temas existenciais na forma tradicional.

*Ondados fios de ouro reluzente
Que agora da mão bela recollidos,
Agora sobre as rosas estendidos
Fazeis que sua graça se acrecente;*

*Olhos que vos moveis tão docemente,
 Em mil divinos raios entendidos, Se de
 cá me levais alma e sentidos, Que fora,
 se de vós não fora ausente?
 Honesto riso, que entre a mor fineza, De
 perlas e corais nasce e parece, Se na alma
 em doces ecos não o ouvisse! Se imaginando
 só tanta beleza,
 De si, em nova glória, a alma se esquece Que
 será quando a vir? Ah! Quem me visse!*

Neste soneto, o sujeito imagina e exalta a beleza da amada ausente, cujo retrato reconstitui pela memória in uência platônica da teoria da reminiscência, e, no último terceto, exprime grande desejo de a ver, através da interrogação retórica, da interjeição (Ah!) e da exclamação. Revela, sobretudo, in uência petrarquista na idealização da mulher e na exaltação das suas qualidades físicas (os cabelos, os olhos, o rosto, os dentes, os lábios) e, também, das suas qualidades psicológicas ou morais (a doçura, a graça, a honestidade).

O Alienista - Quadrinhos

- “A” no nal de “Alienista” invertido na capa
- Quadrinhos em preto e branco: presente
- Quadrinhos coloridos: passado

Personagens:

- Dr. Simão Bacamarte (protagonista)
- D. Evarista (esposa de Bacamarte - não consegue lhe dar lhos)
- Crispim Soares (melhor amigo de Bacamarte e farmacêutico e boticário da vila)
- Cesária (esposa de Crispim Soares e acompanhante de D. Evarista ao Rio de Janeiro)
- Mateus (albardeiro que Dr. Bacamarte acha estar louco por gostar de contemplar a sua própria casa, teria contraído a “doença amor das pedras”)
- Costa (um dos cidadãos mais estimados da vila que foi colocado na Casa Verde por ter emprestado todo seu dinheiro)
- Martim Brito (jovem de 25 anos que Bacamarte alegou ter algum tipo de lesão cerebral que merecia ser estudada). Era fato compartilhado que Martim tinha certo interesse por D. Evarista e sua internação acendeu de vez a revolta, pois bordavam que Bacamarte mandava encarcerar agora até seus rivais.
- Revolta das Canjicas: nome dado à revolta, que foi liderada pelo barbeiro porfírio, cujo apelido era Canjica
- O caso do Canjica é que fazia anos ele tentava ser incluído nas listas do sorteio de onde saíam os vereadores. E ele viu ali a chance, destruindo a casa verde e a câmara dos vereadores de se tornar senhor de Itaguaí.

- Sebastião Freitas: vereador que apoiava a revolta das canjicas (e depois mudou de ideia)
- João Pina, outro barbeiro, dizia abertamente ao público que era contra Porfírio Caetano das Neves e o derrubou, tornando-se o próximo protetor da vila

Nesta adaptação em HQ, é irônico o castigo dado aos oposicionistas da Revolta dos Canjicas: cidadãos livres e brancos sofrem as mesmas torturas aplicadas aos escravos.

A Capa

A imagem da personagem principal, típico das narrativas em quadrinho.

Título grafado com letras na cor vermelha, como se tivesse sido escrito com sangue.

Clima de mistério.

Mostra a leitura efetuada pelos adaptadores.

Adaptação enquanto leitura do texto-fonte (autores/recriadores).

Dialogar com os novos leitores.

Os quadrinhos são bem próximos do cinema, com angulações e movimentos de câmera.

O Alienista - Original

A narrativa possui um central e a ele se conectam diversos núcleos de interesse. Machado usa ironicamente o transparecer da visão de mente, uindo entre razão e loucura. Também questiona o papel destas linhas sobre o poder. Ser racional ou desequilibrado importa para conquista respeito e soberania. O motivo da loucura é usado para mostrar o tema central da novela: a disputa pelo poder no processo de formação da cidade. Essa disputa está representada pelas rivalidades entre um padre, um cientista, uma câmara e uma população de província (disputando forças para controlar a Vila de Itaguaí).

- Povo: barbeiro
- Ciência: Simão
- Igreja: padre Lopes - Estado: vereadores
- Expressão de problemas psicossociais.
- Como a conduta influencia as relações sociais
- Caráter alegórico (tudo que se passa em Itaguaí, pequena cidade do interior do RJ, é o que no fundo ocorre em toda nossa civilização)
- Problemática da relação de fronteiras entre o normal e o anormal da mente humana
- Bacamarte como símbolo de uma ciência fria
- Em torno da personagem central, numa difusa alegoria, surgem guras secundárias cheias de interesse humano

Na elaboração de histórias em quadrinhos, há um diálogo que tem de ser muito bem trabalhado entre roteiro e desenho. Numa adaptação como esta, há um terceiro elemento: o texto original. Foi necessário contar com autores que tivessem uma leitura de qualidade e bastante sensível de O Alienista e da obra de Machado como um todo. Em certos momentos, Aguiar preferiu recorrer a metáforas, instigando a imaginação de seu parceiro, querendo produzir nele uma sensação, que Lobo materializa em imagens.

para buscar a linguagem dos quadrinhos, ou seja, para fazer uma boa história em quadrinhos, o texto tem de car mais curto e mais fácil. A nal, a fala tem de caber no balão e ser bem entendida. É comum ainda o texto do narrador no original virar fala da personagem.

Na história original, não há a mistura de planos entre cenas com Simão e sem ele, pois ele é o protagonista. Porém, na versão em quadrinhos, vemos cenas onde Simão não está presente, ou seja, sabemos de coisas acontecendo paralelamente à vida de Simão que não sabíamos antes.

De acordo com Freud, nossa mente se divide em ID e Superego, com a interseção desses dois sendo o Ego.

- ID: nossa criança interior, desejo, bruto, força desejante que todos têm. Quando nascemos, somos puro ID. Sem o ID, não fazemos nada. Manifestação do libido.
- Superego: começamos a ter senso crítico sobre aquilo que fazemos. Conforme crescemos, é a nossa fase mais “organizada”.

O desequilíbrio mental é quando um desses dois se sobrepõe ao outro, de modo que a pessoa viva no sofrimento, algo que pode ser causado por um trauma. Segundo Freud, através da psicanálise o equilíbrio poderia ser reconquistado através do EGO, algo que o alienista iria fazer, delineando a tênue linha da loucura.

As Relações de Poder

Simão prendia que ele quisesse, quando ele quisesse, sem precisar se justificar pois ele tinha muita autoridade, invejada por muitos.

A Palavra Alienista

Na Antiguidade Clássica, a coletividade era valorizada, enquanto aqueles que se isolavam (os idiotas) não eram bem vistos. No século XIX, alienista era aquele que cuidava dos doentes mentais, chamados de alienados. Por muito tempo não se enxergava a diferença entre uma doença mental e uma de ciência mental. Assim, os dois grupos recebiam o mesmo nome e eram tratados da mesma forma. No final da Idade Média, foram começados estudos acerca das doenças mentais e o termo “alienado” só começou a ser usado lá pelo século XIX.

O Discurso

O discurso de ne o homem, a vida e o mundo. A realidade não é feita de fatos e sim do sentido que damos aos fatos. Na Grécia Antiga, o discurso que predominava era o da losa a. Já na Idade Média, era a religião. Finalmente, o discurso científico ganhou poder durante o Renascimento (ex: psicanálise de Freud).

O Evolucionismo

Machado de Assis não concordava com a vontade de todos de procurar justificar tudo por meio da ciência. O seu livro “Alienista” é mais um deboche do que outra coisa. O autor escreve sobre uma personagem que passa o livro inteiro tentando entender e tirar a loucura. No final, Simão se tranca no hospício como um reflexo do ponto de vista do ator de que tentar racionalizar tudo é um próprio tipo de loucura.

Tradução Intralingüística/Reformulação — interpretação de signos verbais mediante outros signos do mesmo idioma

Tradução Interlingüística/Tradução — interpretação de signos verbais mediante outro idioma

A Tradução Intersemiótica/Transmutação — é uma interpretação de signos verbais mediante signos de sistemas não verbais

A Gramática é o estudo de uma língua, portanto, as suas regras estão voltadas para uma língua específica. A linguagem humana é a única que é conceitual e pode ser verbal, não-verbal ou mista. Quem estuda a linguagem é a linguística e o seu preceito vale para qualquer idioma de qualquer época. Agora, quem estuda todas as linguagens (musical, natureza, arte) é a semiótica. Consequentemente, a tradução intersemiótica é aquela que traduz um texto de uma linguagem para outra.

Ex: Nelson Goodman, Michael Benton, Mario Praz, Júlio Pjaza, William Blake e Samuel Palmer (ambos pintaram a partir de seus próprios poemas)

Vimos uma pintura em sala do Mar Português, inspirada em um trecho de uma das obras de Fernando Pessoa.

A literatura é essencialmente verbal, enquanto as HQs são predominantemente visuais (linguagem mista).

- Refração: transição entre dois meios -
Transcodificação: mudança do código.

A tradução intersemiótica acontece no interlugar, enfatizando a alteridade e procurando consistências proporcionais.

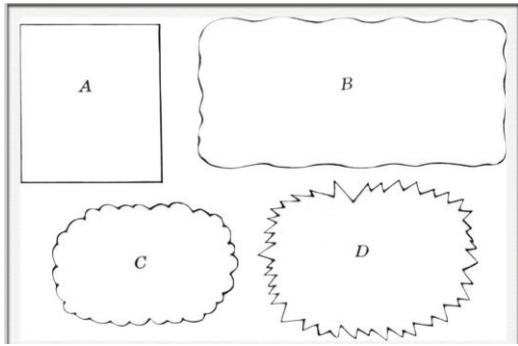
Situações Tradutórias

- Os quadrinhos possuem parâmetros
- Leitura no mesmo sentido da leitura do texto escrito
- A versão em quadrinhos feita por Cesar Lobo e Luis Antônio Aguiar é uma criação coletiva
- Ilustrador e roteirista fazem escolhas, valorizando determinados aspectos em detrimento de outros
- Uma história em quadrinho feita a partir de um texto verbal é uma leitura da obra e não a obra propriamente dita
- A construção da personagem na tradução em quadrinhos não passa pela ideia de equivalência ou delíder ao original

Antes de qualquer coisa, deve-se considerar dois aspectos: os equivalentes intersemióticos e a cultura como elemento decisivo em qualquer tradução.

Os equivalentes intersemióticos:

- O conceito de delidade não é levado em consideração. A imagem tem, portanto, seus próprios códigos de interação com o espectador, diversos daqueles que a palavra escrita estabelece com o leitor.
- Quadro ou Vinheta: o quadro, também chamado de vinheta, é o espaço onde acontece um ou mais ações. Sua disposição respeita a ordem da leitura, a m de dar dinamismo às sequências.
- Requadros: as linhas que compõem os quadros são chamadas de requadros, que podem ser de diversos tipos usados de acordo com a intenção do desenhista ou roteirista.



A - geralmente sugere que as ações contidas no quadro estão no tempo presente;

B e C - indicadores mais comuns do tempo passado

D - pode representar som ou emoção

A ausência de re quadro expressa espaço ilimitado.

- Planos: nos quadrinhos, os enquadramentos ou planos representam a forma como determinada imagem foi representada, limitada na altura e largura, da mesma forma como ocorre na pintura, na fotografia e no cinema.
 - Enquadramentos: os enquadramentos são nomeados conforme fazem referência ao corpo humano, da mesma maneira como no cinema.
1. Plano geral: enquadramento bastante amplo que abrange tanto a figura humana quanto o cenário que a envolve
 2. Plano total ou conjunto: enquadra uma ou mais pessoas, sem exibir muitos detalhes da paisagem em volta
 3. Plano médio ou aproximado: enquadra pessoas da cintura para cima, sendo bastante usado para cenas de diálogos
 4. Plano americano: enquadra pessoas do joelho para cima
 5. Primeiro plano: enquadramento à altura dos ombros da personagem
 6. Plano de detalhe, pormenor ou close-up: enquadra a parte de uma figura humana ou de um objeto, a m de realçar um elemento que normalmente passaria despercebido

- Balão: tenta captar e tornar visível um elemento etéreo: o som. De formato ligeiramente circular ou retangular, encerra diálogos, ideias, pensamentos ou ruídos.
1. Balão com linhas tracejadas: sugere que a personagem, está falando com voz baixa

2. Balão com linhas em formato de nuvem, com apêndice em formato de bolhas: indica que as palavras dentro do balão são pensamentos, portanto, não pronunciados pela personagem
 3. Balão com linhas em zig-zag: indica que a voz emitida procede de aparelho mecânico ou o grito de uma personagem
 4. Balão ligado a um balão inferior: representa as pausas que uma personagem faz em uma conversação
 5. Balão com múltiplos apêndices: representa que várias personagens estão falando ao mesmo tempo[
- Tempo e Timing: nas histórias em quadrinhos, a percepção da passagem do tempo se dá espacialmente, pois espaço e tempo são uma única coisa neste gênero. Assim, os leitores têm a sensação de que ao se mover pelo espaço, a personagem também está se movendo no tempo.

Conceitos retirados dos formulários do Senna

O Classicismo é a face literária do Renascimento, movimento de renovação científica, artística e cultural que marcou o fim da Idade Média e o nascimento da Idade Moderna na Europa. Teve início em 1527, e suas principais características foram o culto aos valores universais - o Belo, o Bem, a Verdade e a Perfeição - e a preocupação com a forma. Tais valores aproximaram o classicismo de duas escolas posteriores: o arcadismo e o parnasianismo.

Análise de uma pintura onde duas mulheres idênticas são representadas de formas diferentes:
 O fato de a primeira mulher estar vestida e segurando um vaso de joias faz com que ela seja vista como uma representação do amor profano, terrestre, que se prende aos bens materiais e aos desejos carnais sendo, por isso, passageiro. A mulher que aparece à direita, segurando a chama do amor divino, representa o amor sagrado, puro e duradouro. O fato de ela ser apresentada nua é significativo, porque sugere, nesse contexto, a superação dos desejos físicos e o alcance de um estágio mais sublime de amor, livre das tentações da carne. O tema dessa pintura é uma das grandes questões tratadas no renascimento e na produção literária do Classicismo: a tensão entre o amor carnal e o amor platônico. Ticiano (pintor) parece transportar para a tela, nas duas guras femininas que se defrontam, o embate entre um amor carnal, manifestação do desejo, e o amor puro, visto como ideia, espiritualizado. Sem dúvida, essa representação simbólica é fruto das invenções estéticas que caracterizam a produção artística do Renascimento.

Trovadorismo:

- cantigas de maldizer, cantigas de escárnio, cantigas de amor (cavaleiro declara amor a coita à dama), cantigas de amigo
- desenvolveu-se entre os séculos XI e XIV
- as composições eram geralmente acompanhadas de música e dança
- os trovadores ocasionalmente tinham linhagem nobre, incluindo reis, mas haviam também os jograis, nascidos nas camadas populares
- as composições chegaram aos nossos dias graças aos Cancioneiros
- foi um movimento poético-musical

- apreciada pela corte, foi importante instrumento de consolidação da cultura e do idioma português

Classicismo:

- obra como veiculadora de verdades e ensinamentos que permitiam aperfeiçoar a alma humana
- Contenção da subjetividade, dos ímpetos da interioridade: o que vale é a obra, não o que sente ou pensa o autor. O autor deve desaparecer perante a obra
- Valorização da racionalidade em oposição à sentimentalidade e do universal em detrimento do particular
- Temas da mitologia greco-romana
- adoção de formas textuais da Antiguidade Clássica, predominantemente a dramaturgia e os gêneros de tragédia e da comédia, e a poesia, nos gêneros lírico épico
- Obra mimético como reflexão da natureza que segue leis universais, ou seja, a obra como concerto harmônico
- Rigor formal: cada forma utilizada no texto clássico deve seguir um conjunto de regras próprio - busca pelo equilíbrio, pela proporção, pela objetividade e pela transparência
- Antropocentrismo, a centralidade da existência humana em relação ao Universo e àquilo que o compõe
- noção do ideal de beleza norteado pela proporção e pelo equilíbrio das formas
- Separação das artes: os gêneros textuais não se misturam. A poesia lírica tem seu próprio método e características que não devem ser confundidos com aqueles da poesia épica, ou da dramaturgia, por exemplo

A produção lírica camoniana compreende também vilancetes, composição poética de caráter campesino em versos redondilhos.

A poesia de Camões é comumente classificada em “medida velha” e “medida nova”. É correto que poemas que expressam um ideal de beleza mais concreto, por meio da valorização dos dotes físicos da mulher do povo, são classificados na medida velha. Não se relaciona à medida nova a cultura popular, tradicional.

Camões morreu rico devido à pensão concedida por D. Sebastião, rei de Portugal.

Características em um dos poemas de Camões que exemplificam temas do Classicismo:

- o poema é uma écloga (gênero cultivado pelos antigos e retomado pelo Classicismo)
- uso da mitologia clássica
- racionalismo
- versos decassílabos
- o uso de maiúsculas em substantivos indica a tendência ao universalismo, já que sugere sua personificação

Para entender a visão de mulher presente na lírica camoniana, podemos recorrer a alguns conceitos clássicos:

o universalismo, que explica o fato de Camões partir da experiência particular com “várias e variadas mulheres” e chegar a um conceito universal de Mulher, síntese de todas elas e nenhuma delas ao mesmo

tempo. Também podemos usar a noção de equilíbrio clássico para explicarmos a conciliação, nessa Mulher, de aspectos físicos e espirituais.

A linguagem do Classicismo é objetiva e formal.

Inspirado nos modelos clássicos, o classicismo foi uma manifestação literária que busca a rigor estético e, portanto, sua linguagem era cultura, formal, objetiva e racional.

Na lírica de Camões encontra-se uma fonte de inspiração de muitos poetas brasileiros do século XX. Em sua poesia lírica, Camões explorou diversos temas amorosos, como o sofrimento pela mulher amada, além de focar na condição e nos dramas humanos. A obra lírica de Camões foi escrita em redondilhas maior e menor e em forma de soneto e inspirou muitos poetas brasileiros do século XX. Como exemplo, podemos citar o poeta parnasiano Olavo Bilac, além de Vinícius de Moraes, poeta e músico brasileiro do modernismo.

No Brasil, o período correspondente ao classicismo europeu foi chamado de Quinhentismo. Com a chegada dos portugueses ao Brasil, no início do século XVI, surge a primeira manifestação literária brasileira, denominada de Quinhentismo. Duas vertentes literárias surgiram nesse período:

- A literatura informativa: com as crônicas de viagens, baseadas em temas sobre a conquista material e espiritual dos portugueses
- A literatura de catequese: com teor religioso, foi escrita pelos jesuítas que tinham como função catequizar os índios brasileiros.

